



CINEMA PARADISO

Boletim n. 357

São Paulo, 26 de abril de 2014



Próxima Reunião: 27/04/2014 - Domingo às 16 h

HOJE EU NÃO QUERO VOLTAR SOZINHO

Direção de Daniel Ribeiro (*)

(*)Daniel Ribeiro nasceu em São Paulo, em 20/05/1982. cursou audiovisual na ECA-USP. Sua ainda curta (mas promissora) carreira traz a marca da defesa da diversidade sexual. Realizou os curtas *A Mona do Lotação* (co-diretor, 2007), *Café com Leite* (2007) e *Eu não quero voltar sozinho* (2010). Seus curtas vêm acumulando muitos prêmios nacionais e internacionais. Seu primeiro longa *Hoje eu quero voltar sozinho* (2014) fez bonito no Festival de Berlim. Ganhou o Teddy Bear, voltado a filmes de temática homossexual, e um prestigiado prêmio da crítica, além de receber a segunda nota mais alta de avaliação do público do festival.

FESTIVAL VARILUX 2014



Eis que mais uma vez fomos brindados com a exibição nos cinemas brasileiros do Festival Varilux do Cinema Francês. A edição deste ano primou pela homogeneidade na qualidade dos filmes.

Fazendo valer o mote de que Paris lembra o amor, não é de admirar que o tema comum entre os filmes por mim vistos tenha sido... l'amour!

A cada filme, associo um aspecto do amor envolvido, como um apelo para que o vejam, quando em exibição comercial.

Um Amor em Paris (dir.: M. Fitoussi), nos mostra como um casal pode, após um longo desgaste no casamento, reavivar seus sentimentos mediante a sensação de perda da(o) parceira(o) para outro interessado. Dou destaque para a belíssima cena em que o pai vê o filho fazendo sua exibição de ginástica e acrobacia - algo visto com maus olhos pelo próprio pai!

O Amor é Um Crime Perfeito (dir.: Larrieu & Larrieu) nos mostra que o interesse de um professor por suas alunas pode se tornar algo mais do que uma impropriedade, para se revelar um desastroso caso de polícia!

Um Belo Domingo (dir.: N. Garcia) nos mostra outro professor em ação. Desta vez, o protagonista se vê às voltas com um de seus alunos e sua mãe, por quem se apaixona e por quem irá rever sua família abastada, em resgate de valores para salvar sua amada de dura cobrança de dívidas!

Em **Uma Relação Delicada** (dir.: C. Breillat), Isabelle Huppert (como Maud, foto abaixo) brilha no papel de quem, da noite para o dia, se torna uma hemiplégica. Neste filme, o amor é por uma ideia. A diretora de cinema Maud se apega à ideia de que um malandro saído da prisão possa ser a pessoa perfeita para um filme que está em produção e, por conta disso, se desfaz de seus recursos financeiros em favor de ninguém menos que esse sujeito por quem se interessa!

Um Plano Perfeito (dir.: P. Chaumeil), uma comédia à americana (com roteiro bem *deja vu*). O amor acontece quando um plano para fisgar o amor da vida se transforma numa arte do embuste e numa caixa de surpresas – o mundo dá voltas, o amor fala mais alto!

Suzanne (dir.: K. Quilévérre) nos mostra como o amor cego e inocente de uma filha-mãe na adolescência por outro jovem a leva a sofrer a duras penas de prisão.

Eu, mãe e os meninos (dir.: G. Gallienne), excelente comédia, em que o amor (ou mais exatamente, fixação) pela mãe por parte do personagem principal (o próprio diretor!) é retratado como um conflito de identidade em sua infância e juventude – ele se projeta, como ante a um espelho, na figura da mãe! O que torna mais engraçado ainda o filme é que o diretor representa a mãe, também (foto à esquerda)! Imperdível! Ganhou o César do Cinema para filme e ator em 2013.

Marcos Antonio Paulino (da sucursal de Brasília).



O cinema *noir*, fazendo jus ao próprio nome, é uma das expressões cinematográficas mais obscuras da história do cinema. Estética que nasceu entre as décadas de 1940 e 1960 nos Estados Unidos, até hoje não existe um consenso se o *noir* foi um gênero, um estilo, um movimento cinematográfico ou se realmente foi um fenômeno individual de cinema. Ao contrário da *nouvelle vague* ou, melhor ainda, do neorealismo italiano, não foi um movimento declarado ou coeso. Quase todo crítico ou cinéfilo tem sua definição pessoal e lista de títulos *noir*, que abrangem diferentes gêneros, utilizam diferentes estilos e recursos cinematográficos, sendo que alguns destes, usados em demasia, acabaram sendo eternizados pelo *noir*.

O termo foi cunhado pelo crítico francês Nino Frank, fazendo uma alusão a uma revista francesa que publicava a literatura policial americana de Raymond Chandler, Dashiell Hammett e outros que tinham como protagonista quase sempre o detetive, que transitava entre o mundo da lei e o *underground* escuro e sombrio das cidades americanas. Frank notou uma grande semelhança entre esta literatura e o cinema produzido ainda durante a Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos, que só chegaria na França em 1946, cujos temas eram mais sombrios, a iluminação mais escura, o tom mais fatalístico, filmes como *Pacto de Sangue* (1944) de Billy Wilder, *À beira do abismo* (1946) de Howard Hawks e o diversas vezes considerado o marco inicial do *noir*, *O Falcão Maltês* (1941) de John Huston.

Esses filmes tiveram sua inspiração na literatura americana *hard-boiled*, com uma visão mais dura, concreta e cínica do mundo, onde o herói se apresentava com uma superfície dura, mas por dentro se mostrava um narcisista derrotado. Os principais autores desse movimento foram o ex-combatente da Segunda Guerra, Ernest Hemingway, e os já citados Hammett e Chandler, que contribuíram também para argumentos e roteiros de filmes, em parceria com os diretores.

Além disso, foi extremamente importante a presença dos diretores e fotógrafos do Expressionismo Alemão. Expatriados por conta do nazismo, esses diretores, muitos deles hoje considerados mestres do cinema mundial clássico, Fritz Lang, Robert Siodmak, Billy Wilder, Otto Preminger (a foto é de seu filme clássico *Laura*), trouxeram para o cinema de Hollywood elementos visuais e temáticos que eram usados no movimento alemão, como a técnica do *chiaroscuro*, que criava grande contraste entre áreas de luz e de escuridão, indicando baixa ou alta incidência de luz. As técnicas artificiais de iluminação, já consolidadas pelos alemães, foram então usadas no cinema *noir*, sendo fundidas aos cenários, cenas e roteiros mais realistas.

Não só pela incrível qualidade técnica dos filmes, o cinema *noir* entrou e permaneceu nos anais da história do cinema e dos cinéfilos, por ser capaz de colocar na tela, um meio de comunicação e entretenimento já extremamente consolidado na época, a realidade da sociedade não só estadunidense, mas mundial, ou seja, o *noir* "prestou-se à denúncia da corrupção dos valores éticos cimentadores do corpo social, bem como da brutalidade e hipocrisia das relações

entre indivíduos, classes e instituições" no pós-Segunda Guerra, para pegar emprestadas as palavras de Fernando Mascarello, em "História do Cinema Mundial" (2012).

Contrastando com os filmes otimistas do cinema hollywoodiano clássico, lançados antes da Segunda Guerra, os filmes *noir* representavam a desilusão de muitos soldados, negociantes, trabalhadores, donas de casa e famílias inteiras, que pediam por uma visão mais honesta, pesada e pessimista da vida, objetivos que nunca seriam alcançados nos imensos estúdios montados, mas sim nas ruas, nas filmagens *in loco*, com pessoas comuns, modernas, contraditórias, sem a aura heróica do cinema épico e com fortes influências do existencialismo de Camus e Sartre. Para isso, contribuiu o visual escuro, de desespero e solidão que permeava o povo estadunidense, mas também a narração em *off*, que criava a sensação de proximidade com a personagem, de um tempo perdido, de medo do futuro, de um passado irrevogável e um destino predeterminado e incerto, tema que se repetiria incessantemente nos filmes *noir*, em protagonistas jogados ao acaso e repletos de inseguranças e prioridades claras.

O *noir* também foi um método dos estúdios e produtoras independentes ou menores, para alçarem-se ao público americano, devido ao baixo orçamento que era demandado ao filmar em locações públicas, à crise nos grandes estúdios e como uma forma de inovar a fórmula já desgastada que vivia da dualidade heróica-vilão, garantindo assim a sobrevivência de estúdios fadados ao fracasso. O otimismo do cinema estadunidense, que já havia sido desafiado a partir da Grande Depressão, perdeu-se, e as platéias começaram a pedir por esses retratos mais fiéis da sua realidade, encontrando-os no *noir*, não só nas paisagens, mas também nas personagens.

Para ter-se a dimensão do quão abrangente é o conceito de *noir*, além dos já citados títulos, clássicos básicos do estilo, podemos pegar exemplos de faroestes *noir*, como *Sua Única Saída* (1947) de Raoul Walsh; de perseguições tanto aos nazistas, em *The Stranger* (1946) de Orson Welles, quanto aos comunistas, em *Pickup on South Street* (1953) de Samuel Fuller; de filmes *noir* modernos, como alguns consideram *Drive* (2011) de Nicholas Winding Refn ou *Onde os Fracos Não Tem Vez* (2007) dos Irmãos Coen; de um filme *noir* russo, como o incrível curta de estréia de Andrey Tarkovsky, *The Killers* (1956), baseado no conto homônimo de Hemingway, que demonstra que o existencialismo e obscurantismo do pós-guerra não eram restritos aos Estados Unidos.

Apesar da heterogeneidade do cinema *noir*, o que impede uma coesão necessária para denominá-lo como movimento, podemos, através de algumas características comuns (um crime desencadeando a ação, o detetive como protagonista e a presença de uma loira, denominada *femme fatale*), formular listas enormes de filmes dessa expressão que modificaram e influenciaram a história do cinema. Isso porque o *noir*, além de ter produzido filmes tecnicamente incríveis, foi acima de tudo uma representação fiel de uma época.

Gabriel Paolillo Pace



COTAÇÃO 2014

<i>O Menino e o Mundo</i>	9,50
<i>Ela</i>	9,13
<i>A Grande Beleza</i>	8,93
<i>Pais e Filhos</i>	8,52
<i>12 Anos de Escravidão</i>	8,60
<i>Instinto Materno</i>	8,44
<i>Inside Llewin Davis - Balada de um homem comum</i>	7,76
<i>Ninfomaníaca</i>	7,40

Edição / Diagramação:

Cláudia Mbgadouro / Janete Felix Palma / Marcos Paulino
E-mail: janetepalma@gmail.com

FUNDO FINANCEIRO DO GRUPO CINEMA PARADISO

A doação voluntária, para as despesas anuais pode ser feita em qualquer valor, mas pedimos que, ao depositar, nos avise no e-mail: estherstiel12@gmail.com A conta de poupança é: Banco: Caixa (104), ag. 0239, op. 013, nº da conta 8247-5